

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**A IDENTIDADE DO PROFESSOR E SUAS IMPLICAÇÕES
NO PROCESSO DE VIABILIZAÇÃO DO PROJETO POLITICO
PEDAGÓGICO EM UMA GESTÃO DEMOCRÁTICA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Carla Simonia Cazarolli

**Santa Maria, RS, Brasil
2007**

**A IDENTIDADE DO PROFESSOR E SUAS IMPLICAÇÕES
NO PROCESSO DE VIABILIZAÇÃO DO PROJETO POLITICO
PEDAGÓGICO EM UMA GESTÃO DEMOCRÁTICA**

por

Carla Simonia Cazarolli

Monografia apresentada ao Curso de Especialização do Programa de Pós-Graduação em Educação – Área de Concentração: Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Especialista em Gestão Educacional**

Orientador: Prof. Dr. Celso Ilgo Henz

**Santa Maria, RS, Brasil
2007**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Especialização em Gestão Educacional**

A Comissão Examinadora, abaixo-assinado,
aprova a Monografia de Especialização

**A IDENTIDADE DO PROFESSOR E SUAS IMPLICAÇÕES NO
PROCESSO DE VIABILIZAÇÃO DO PROJETO POLITICO
PEDAGÓGICO EM UMA GESTÃO DEMOCRÁTICA**

elaborada por
Carla Simonia Cazarolli

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Gestão Educacional

COMISSÃO ORGANIZADORA:

Celso Ilgo Henz, Prof. Dr.
(Presidente/Orientador)

Clovis Renan Jacques Guterres, Prof. Dr.

Viviane Ache Cancian, Prof^a. Dr^a.

Santa Maria, 09 de fevereiro de 2007

Dedico esta obra:

Aos que acreditam na verdadeira missão e compromisso do educador e na sua ressignificação como alicerce para uma nova educação de qualidade e então uma sociedade de cidadãos conscientes e felizes.

AGRADECIMENTOS

Ao corpo docente do Curso de Especialização em Gestão Educacional, por todas as oportunidades oferecidas e os conhecimentos que contribuíram para o aprimoramento profissional.

Aos professores da comissão examinadora, por sua sabedoria, carinho e atenção que me foram dispensados. Ao Professor Doutor Celso Ilgo Henz, por seu profissionalismo, disponibilidade, compreensão, paciência e amizade.

Aos colegas, pela troca de conhecimento e amizade cultivada durante o curso.

E principalmente a minha família e aos amigos do coração, que eu amo imensamente, pela compreensão e apoio, além da paciência com os momentos de angústia e ansiedade, no qual souberam ser incentivadores e presença de Deus nesta caminhada.

A ESCOLA

Escola é...
o lugar onde se faz amigos,
não se trata só de prédios, salas, quadros,
programas, horários, conceitos...
Escola é, sobretudo, gente,
gente que trabalha, que estuda,
que se alegra, se conhece, se estima.
O diretor é gente,
o coordenador é gente, o professor é gente,
o aluno é gente,
cada funcionário é gente.
E a escola será cada vez melhor
na medida em que cada um
se comporte como colega, amigo, irmão.
Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”.
Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir
que não tem amizade a ninguém,
nada de ser como tijolo que forma uma parede,
indiferente, frio, só.
Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
é também criar laços de amizade,
é criar ambiente de camaradagem,
é conviver, é se “amarrar nela”!
Ora, é lógico...
numa escola assim vai ser fácil
estudar, trabalhar, crescer,
fazer amigos, educar-se,
ser feliz.

Paulo Freire

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Especialização em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

A IDENTIDADE DO PROFESSOR E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE VIABILIZAÇÃO DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO EM UMA GESTÃO DEMOCRÁTICA

AUTORA: CARLA SIMÔNIA CAZAROLLI

ORIENTADORA: PROF. DR. CELSO ILGO HENZ

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 09 de fevereiro de 2007.

Este trabalho tem como enfoque investigar a identidade do professor e suas implicações no processo de viabilização do Projeto Político Pedagógico em uma gestão democrática. Foram utilizados aportes de pesquisa bibliográfica, que contribuíssem para a sustentação das idéias abordadas pela pesquisa, como Alarcão, Benincá, Freire, Lück e Veiga, além de outros autores que dão vazão à temática. Para a realização desse estudo, que se caracteriza por ser uma pesquisa de cunho qualitativo do tipo estudo de caso, história de vida, tracei alguns objetivos: Caracterizar qual é a identidade do professor na atualidade, o que é determinante para que o profissional tenha uma identidade e como esta se concretiza na sua atuação no meio em que ele está inserido, seja na escola, seja na sua vida pessoal, social; o professor e suas atribuições e contribuições no cotidiano escolar, ou seja, planejamento, execução e avaliação e como isso é determinante para o sucesso do Projeto Político Pedagógico e a possibilidade da gestão democrática aumentar as chances de sucesso, a partir da participação do professor que tem sua identidade atribuída à uma formação adequada e uma visão positiva sobre si e sobre seu trabalho. Os resultados apontados por este estudo demonstram que uma identidade e auto-imagem positiva contribuem diretamente para auto-estima do professor e assim para o sucesso do Projeto Político Pedagógico em uma Gestão Democrática, pois possibilita uma ação baseada na realização e no prazer, receita ideal para a ação em prol da educação.

Palavras-chave: Identidade; Projeto Político Pedagógico; Gestão Democrática.

ABSTRACT

Specialization Monography
Specialization Course in Educational Administration
Federal University of Santa Maria, RS, Brazil

THE TEACHER'S IDENTITY AND ITS IMPLICATIONS IN THE PROCESS OF MAKING THE PEDAGOGICAL POLITICAL PROJECT INTO A DEMOCRATIC ADMINISTRATION POSSIBLE

AUTHOR: CARLA SIMONIA CAZAROLLI

ADVISER: PROF. DR. CELSO ILGO HENZ

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 09 de fevereiro de 2007.

This work has as its main goal to investigate the identity of the teacher and its implications in the process of making the Pedagogical Political Project possible in a democratic administration. The bibliographic sources used in this research, to contribute and sustain the ideas approached were: Alarcão, Benincá, Freire, Lück and Veiga, besides other authors that helped to feed this thematic. For the realization of this qualitative study, a case study of real life, some goals were traced, among them we could list: To characterize the identity of the teacher, what is determinant for the professionals to have an identity and how it concretizes itself in their actuation in the environment, either at school or personal and social life; the teacher and his/her attributions and contributions in the daily activities at school, that is, planning, execution and evaluation and how these things are determinant for the success of the Pedagogical Political Project as well as the possibilities to increase the chances of success, from the perspective of the participation of the teacher that has his/her identity attributed to an adequate formation and a positive vision about himself and his/her work. The results found in this study show that a positive identity and self-image contribute directly to the teacher's self-esteem and thus to the success of the Pedagogical Political Project in a Democratic Administration, because this makes an action based in the pleasure possible, the perfect recipe for the action in favor of education.

Key-words: Identity; Political Pedagogical Project; Democratic Administration.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fatores determinantes para a construção da identidade e auto-imagem, na escola e ou no meio em que vive	44
--	----

LISTA DE ANEXOS

Anexo A – Questionário para Pesquisa e Estudo Monográfico	54
---	----

SUMÁRIO

RESUMO	6
ABSTRACT	7
LISTA DE QUADROS	8
LISTA DE ANEXOS	9
INTRODUÇÃO	11
1 IDENTIDADE E AUTO-IMAGEM	14
2 UM OLHAR SOBRE O PROJETO POLITICO-PEDAGÓGICO E A GESTÃO DEMOCRÁTICA	25
3 CONTRIBUIÇÕES DOS SUJEITOS DA PESQUISA	34
3.1 Caracterização dos sujeitos da pesquisa	34
3.2 A concepção de identidade e auto-imagem segundo os sujeitos da pesquisa	37
3.3 Um olhar pessoal sobre a identidade e auto-imagem	39
3.4 O projeto político-pedagógico viabilizado pela gestão democrática, através da identidade e auto-imagem positiva do professor	41
3.5 Fatores determinantes para a construção da identidade e auto- imagem, na escola e ou no meio em que vive	44
CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
ANEXOS	53

INTRODUÇÃO

Sou Pedagoga, habilitada para o ensino de educação Infantil, egressa da Faculdade Franciscana de Santa Maria-RS – UNIFRA. Ao concluir o estudo do magistério, na cidade de Frederico Westphalem, vim para Santa Maria em busca de trabalho e formação superior.

As possibilidades de estar na Universidade Federal foram anuladas, na época, por tornarem-se inviáveis as aulas em período integral para alguém que precisava trabalhar. Então, obviamente, restou a faculdade noturna e particular, assim como para dezenas de pessoas que encaram esta como única possibilidade de adquirir um diploma de ensino superior.

Após a conclusão do curso me senti motivada a cursar uma especialização, com o intuito de ampliar os conhecimentos e buscar compreender alguns aspectos que tanto me inquietavam na época.

Iniciado o curso, para surpresa da minha ingenuidade, não só não consegui respostas como adquirei muito mais questionamentos. Após um período, percebi que as respostas para determinadas problematizações, são exatamente os novos questionamentos. Assim, após esta descoberta, inevitavelmente veio o conflito. O conflito é ao mesmo tempo bom, pois desacomoda, e ruim, pois te deixa sem norte e com uma sensação de insegurança.

Iniciava então um momento de ressignificação, que passou até pelo período de quase desistência. Esse período, tão determinante, foi calcado por diálogos e discussões. Como me relaciono diariamente com profissionais da área de educação, sejam colegas de trabalho, sejam amigas, eis que surgiu a idéia de transformar estes diálogos em assunto para a monografia.

Como, na maioria das vezes, o assunto era o bem estar e a identidade do

professor, além de o quanto a vida de forma integral do professor está intimamente ligada ao exercício de suas funções, determinei que o assunto principal fosse a construção da identidade do professor, permeada pelas suas experiências cotidianas, escolares ou não, que contribuíram para a suas escolhas, e que contribuem para as suas ações e formação continuada.

No mundo em que vivemos, onde a educação é reconhecida como um dos grandes problemas sociais, principalmente nos países de terceiro mundo, e que os profissionais desta área são vistos como sobreviventes num mundo onde o poder do capitalismo descaracteriza as profissões menos remuneradas, ser professor é quase como que assinar uma carta de compromisso total sobre a possibilidade de fracasso. Quem, ao escolher ser professor, não teve que em algum dia justificar por que escolher uma profissão tão pouco promissora na atualidade?

Conviver com estes conflitos já é uma batalha diária. Então, descobrimos que para sobreviver a essa guerra estabelecida, existem outras muitas batalhas a serem vencidas, e que a única forma de manter-se “vivo” é ter uma ótima estratégia de sobrevivência, onde as principais armas são uma formação qualificada, uma busca constante por aperfeiçoamento, pois só assim é possível manter-se na trama complexa de relações alucinantes do mundo atual, e uma identidade sólida de amor, perseverança e esperança, para evitar que elementos surpresa que coloquem anos de dedicação a perder, bem como todo o processo, e envolvidos em risco de fracasso.

Partindo disso, é importante observar os seguintes aspectos:

Qual é a identidade do professor na atualidade? Ou seja, o que é determinante para que o profissional tenha uma identidade e como esta se concretiza na sua atuação no meio em que ele está inserido, seja na escola, seja na sua vida pessoal, social?

Outra questão é o professor e suas atribuições e contribuições no cotidiano escolar. Ou seja: planejamento, execução e avaliação, e como isso é determinante para o sucesso do Projeto Político-Pedagógico da Escola.

E é claro, a possibilidade da gestão democrática aumentar as chances de sucesso, a partir da participação efetiva do professor que tem sua identidade atribuída a uma formação adequada e uma visão positiva sobre si e sobre seu trabalho.

Por acreditar nisso, tentei descrever nas páginas que seguem, concepções,

questionamentos, entendimentos, possibilidades e até mesmo algumas dicas tanto pessoais, como de outras professoras que, assim como eu, querem discutir alguns desses aspectos, além de buscar como contribuir com novos questionamentos para outros colegas que dividem conosco os mesmos anseios.

Para a realização deste estudo, que se caracteriza por ser uma pesquisa de cunho qualitativo, no método dialético, onde o processo e seu significado são os focos principais de abordagem, foram utilizados questionários como forma de documentação da pesquisa e um diário de campo com anotações feitas durante o processo de discussões.

É característico da pesquisa qualitativa envolver-se com questões muito particulares, ela se preocupa, nas ciências sociais, com o nível de realidade que não pode ser quantificada. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reproduzidos à operacionalidade de variáveis (MINAYO, 1994, p. 21).

Além disso, segundo Silva (2001), ela é exploratória, pois visa proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses, envolvendo levantamento bibliográfico e também entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado.

Sendo assim, a presente monografia está dividida em 3 (três) capítulos, onde o primeiro traz a identidade e a auto-imagem caracterizada pelo estudo bibliográfico e por saberes e concepções adquiridos. O segundo capítulo faz novamente uma caracterização bibliográfica e pessoal, porém do Projeto Político-Pedagógico e da Gestão Democrática. E no terceiro capítulo buscou-se descrever os resultados das entrevistas, com análises pertinentes, para não ficar no senso comum, buscando credibilizar o objetivo da pesquisa.

Após estes três capítulos encerro com as considerações finais, ou seja, os resultados da pesquisa.

1 IDENTIDADE E AUTO-IMAGEM

Na atualidade, tornou-se comum falarmos de qualidade de vida, de ressignificação, relacionamentos positivos e saudáveis na família, trabalho e sociedade. Porém, faz-se um parêntese para a possibilidade de se estar construindo estas relações, é necessário, atitude reflexiva, a percepção do indivíduo sobre si mesmo e o olhar que este tem em relação a si próprio e sobre suas relações.

Esta percepção sobre si próprio parte de uma análise pautada no que ele já realizou, no que pretende realizar, e também o oposto disso, ou seja, o que ele deixou de realizar e aquilo que ele deixou de querer realizar, o quanto ele se deixou tomar pelo comodismo do cotidiano e de uma rotina massiva de atribuições, nem sempre prazerosas.

Diante disso nos remetemos à auto-estima, onde através das nossas realizações, sejam elas significativas ou não para os demais, mas que refletem no “espelho” de cada um aquilo que faz o indivíduo respeitar-se como ser capaz de realizar e, então, reconhecer sua real capacidade de agir e interagir no meio em que está inserido. Pra ser mais específico, é no reconhecimento de suas realizações que a auto-estima está fundada, seja na forma como administra sua vida pessoal, nas relações mais íntimas, seja na forma como conduz seu trabalho, sua vida social, e também na forma como administra o bem estar do seu corpo e mente para a longevidade. Segundo o Aurélio (1993), estima quer dizer sentimento de importância, de valor, de alguém ou de algo; apreço. Assim podemos dizer que auto-estima é dar-se importância, valor, apreço. Esse processo implica conhecer para reconhecer.

Partindo deste pressuposto, imaginamos o professor, e então fazemos uma leitura deste indivíduo como profissional, calcado de atribuições a cada dia mais complexas, que partem de uma sociedade um tanto quanto confusa sobre o real significado e expectativas sobre educação e o papel da escola, diante de um mundo globalizado, onde o desafio é vencer, produzir acima de tudo, e uma ausência de valores concretos relacionados à valorização e dignidade humana.

Saímos das faculdades atualizados no domínio dos conhecimentos de cada área. Tentamos ser bons docentes. Aos poucos vamos descobrindo que nossa docência está condicionada pelas estruturas e processos em que ela acontece. O como somos docentes condiciona nossa docência tanto ou

mais do que os conteúdos que ensinamos. As lutas da categoria nas últimas décadas tem sido mais tensas para mudar e como ensinar, as condições materiais em que ensinamos do que para mudar o que ensinamos. Por que tanta sensibilidade para as condições em que exercemos nossa docência e nosso trabalho e reproduzimos nosso ofício e nossa existência? Porque intuimos que os modos de viver e trabalhar, de ensinar e aprender determinam o que somos e aprendemos. É uma matriz fundante da teoria pedagógica, no como produzimos, nos formamos (ARROYO, 2000, p. 110).

Este é um recorte para ajudar a analisar um dos “problemas” da escola hoje. Muitas são as perguntas sobre as lacunas da educação atualmente, mas julgo, hoje, ser esta uma das mais significativas, por acreditar que a ressignificação do ofício docente seja a alavanca para a resolução de outras tantas, que serão gradativamente solucionadas, quando o professor reconhecer qual a sua ação, de forma intensa e positiva, é um dos principais alicerces para a educação.

Freire (2001, p. 108), chama a atenção sobre a percepção da importância desta “imagem”:

Não é possível exercer a atividade do magistério como se nada ocorresse conosco. Como impossível seria sairmos na chuva, expostos totalmente a ela, sem defesas, e não nos molhar. Não posso ser professor sem me por diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente. Não posso escapar à apreciação dos alunos. E a maneira como eles me percebem tem importância capital para o meu desempenho.

O sentimento de ser professor perpassa diariamente pela leitura que este faz sobre a forma como os alunos o percebem. A maneira como ele vai se expondo, porque é impossível isso não acontecer, é o que vai ser determinante para diversos outros aspectos importantes, ou seja, para o seu planejamento, ação e formas de relacionar-se com o grupo.

O professor que percebe uma receptividade positiva do grupo, uma aceitação da sua forma de ser, se permite ousar, avançar mais livremente. Absorve esta receptividade e aceitação como forma de motivação, então é capaz de ser a cada dia mais ele mesmo. A exposição inevitável da sua imagem deixa de ser incômoda para ser natural sem causar qualquer tipo de problemas, na relação afetiva e na sua atuação como professor.

Isso faz parte dos processos de significação e ressignificação. Para ocorrer uma ressignificação, precisamos partir de um reconhecimento, ou seja, quem sou de onde venho, para onde vou, o que fiz, faço e quero fazer, por que faço e qual o

sentido de minhas ações para a construção da minha identidade. O professor é levado a esta reflexão, pois de certa forma sente-se avaliado, julgado, observado, imitado, diariamente frente aos seus alunos e comunidade escolar.

Ele constitui uma história que influencia na construção de outras muitas histórias, ou seja, a dos alunos. Isso está instituído naturalmente, quando lembramos, carinhosamente ou não, dos nossos mestres, ao longo de nossa vida escolar. A ação humana por si só tem este reflexo, a do professor, que fica intensificada, neste caso, pois à sua imagem atribuímos o conhecimento, a sabedoria, o caminho certo.

Ser humano significa ser histórico. Compreender um ser humano implica em partir do pressuposto de que cada gesto e cada palavra estão imediatamente inseridos num contexto muito maior, que transcende a ele e a sua existência. Escrevendo a História de toda a humanidade, todo o passado determina, constrói, reconstrói; explica, significa e re-significa o presente; todo presente engendra, contém e constrói o futuro. Assim, cada ação humana carrega em si toda a História da Humanidade e as possibilidades a serem re-desenhadas amanhã e é também portadora do futuro. Cada ação humana é uma síntese, ao mesmo tempo, única e universal, do nosso passado e do nosso futuro (CODO, 1999, p. 41-42).

Mas se cada ação é uma síntese, ao mesmo tempo única e universal, é significativo refletir sobre o que é ação, para significarmos a importância da ação do professor.

Ao pensarmos em ação, hoje, no mundo moderno, naturalmente nos reportamos ao trabalho, atitudes, tarefas, atribuições, entre outras, sempre ligados a obrigações e compromissos, ou seja, produção e resultados. Segundo o dicionário da língua portuguesa de Luft (1998, p. 75) ação é: “ato, maneira de atuar, resultado de força, gesto, energia, acontecimento”.

O homem age intencionalmente, sua ação é, ou deveria ser, algo consciente e determinante, isso é o que o difere dos animais, por exemplo, que agem por instinto natural que já está predeterminado para possibilitar sua sobrevivência e continuidade da espécie.

O trabalhador é reconhecido pela forma com que desenvolve o seu trabalho, se é bom ou não, se é capaz de se destacar positiva ou negativamente.

Todos os que já passaram pela vida escolar, têm recordações de professores, pela forma com que estes desenvolveram seu trabalho, atribuíram-lhe o título de bom ou mau professor; e vêm com um currículo de lições ensinadas, seja pelo seu

fracasso, seja pelo seu sucesso.

Toda ação humana é potencialmente geradora de significados, potencialmente transcendente, mas apenas alguns poucos gestos têm a sorte de fazer a História, reservarem seu lugar no futuro. A menos que você seja um/a professor/a. Neste caso cada palavra dita, cada movimento do olhar tem seu lugar reservado no futuro do outro, do país, do mundo. Por bem e por mal (CODO, 1999, p. 44).

E se questionarmos porque algumas ações tornam-se mais inesquecíveis que outras, se faz necessário lembrar que há diversos fatores que determinam o quanto um fato, ação ou vivência tornam-se mais ou menos significativos para as pessoas. Fatores estes que podem ser, uma predisposição, inconsciente, ou não, mas determinante naquele momento, ou seja, suscetibilidade, sensibilidade, observação, identificação, entre outros.

Uma criança que está acostumada a uma tratamento na sua casa, ao ficar exposta a um tratamento muito diferente, seja ele positivo ou negativo, certamente vai sentir um certo impacto, que vai fazer com que tenha uma visão diferente deste comportamento, do que aquela que está recebendo um tratamento similar ao que está acostumada

Eu me vejo a recordar constantemente, no meu dia-a-dia como professora e pessoa, dos meus professores, ou dizeres de amigos, que foram colegas de escola, sobre atitudes e outras características, de professores que marcaram nossa vida escolar, seja enquanto criança seja enquanto adultos. Assim, ao falar determinadas coisas aos meus alunos ou agir desta ou daquela forma, sei que de alguma forma, para um ou para todos, aquilo fará algum significado, será guardado na caixinha de boas ou más recordações.

O ser humano vive a partir das experiências que vivencia, direta e indiretamente, e é a partir disso que desenvolve suas novas percepções, concepções e ações. Tem tendência a repetir ou reproduzir as experiências que julga positivas e evitar as experiências que julga negativas. Isso envolve seus mecanismos de defesa e também de articulação e sobrevivência. Ao pensarmos nossas vivências, naturalmente nos remetemos às lembranças daquilo que vivemos ou observamos ao longo de nossas vidas. Da minha vivência escolar, tenho boas e más recordações, mas todas significativas.

Recordo-me com nitidez dos fatos de uma situação um tanto incomum da

minha infância escolar, mas que certamente me chocou de tal maneira que nunca mais imaginei ser uma aluna “mal-criada”, temendo passar por tal situação. Bom, relatando o fato, estudava na 2º série do ensino fundamental, na única escola da pequena cidade onde morava, ou seja, era uma escola para todos, independente de qualquer diferença de classe social ou outro fator determinante, o que para mim era natural na época, mas que hoje olho com um olhar de encantamento, pois ali éramos educados para a diversidade, sem que fosse necessário se criar um projeto de inclusão; era a inclusão natural. Bom, continuando, era um tempo em que escolhíamos o “presidente” da turma, (pausa para comentar o exercício da democracia: o voto era secreto e sempre escolhíamos o colega que tinha melhor comportamento, e melhor se relacionava com o grupo de uma forma geral); A professora tentava ser o mais imparcial possível, e cada “presidente” com período de gestão de 15 dias, era além de representante da turma, auxiliar da professora em tarefas que essa solicitasse. Eis que eu fora escolhida para esta função, o que era um tanto desafiador para mim nesta época em que eu ainda lutava bravamente com a minha timidez e temia, com o cargo, me indispor com algum colega que quisesse se opor ao meu “mandato”, mas era de ordem irrecusável, uma vez eleita. A minha professora, a única por conta da unicodência, era uma pessoa muito tranqüila, porém “braba” e “autoritária” a tal modo que eu jamais ousava desobedecê-la, assim como a maioria da turma, que é claro, muito bem orientada pelos pais de que a professora era alguém que devemos obedecer acima de tudo e que “pobres de nós” se dela viesse alguma reclamação ou advertência.

Eis que um aluno, o mais “incomodativo”, iniciou um processo de não fazer os temas, mentir os porquês daquela atitude, “tirou” a professora do sério. Depois de uma semana sob aviso, ele volta à escola sem os temas feitos, ela já não mais sabendo o que fazer partiu para atitude drástica e colocou-o de castigo virado pro quadro negro e disse que no recreio ele faria os temas. Ele, não intimidado pela situação, sempre que a professora se virava de costas pra ele ao ficar de frente pra turma, fazia gracinhas para que a turma risse. Ela, irritadíssima deu o veredicto: Pediu para a “presidente”, (no caso eu, por infelicidade), que fosse até o pátio e trouxesse uma varinha pra ela. Eu, sob estado nervoso como se fosse a própria a ser agredida pela tal varinha, fui e sentia-me como que cúmplice pela barbárie. Ela não chegou a usar a tal varinha, mas a imagem ficou gravada para sempre na nossa memória. Não me lembro se ela fez isso outras vezes, nem se o comportamento do

tal colega melhorou, mas uma coisa é certa, jamais quis passar por aquela situação novamente. Hoje, sempre que tenho que usar de uma atitude mais firme com um aluno penso na medida, levando em consideração o que ficará na memória dele e dos demais. Temo ser lembrada somente por uma situação tão triste de descontrole e autoritarismo desmedido. Mas penso também, e sinto curiosidade em saber, o que teria realmente levado a professora a tomar tal atitude.

Por detrás de uma atitude como esta, sempre há um contexto, e este está determinado pela vida deste aluno e principalmente pela vida desta professora. Talvez ela estivesse passando por um momento muito negativo e isso a fez perder o discernimento e controle, talvez sua formação a tivesse moldado para uma ação tão autoritária. Assim, partimos para a compreensão de que para uma série de fatores que desencadeiam uma série de outros fatores, há a determinação da ação e reação do cotidiano escolar. Porque tudo está ligado, entrelaçado, todos são importantes e toda ação é significativa. Para ilustrar, descrevo um outro exemplo de desencadeamento de ações que resultaram em reações no contexto do cotidiano escolar.

Recordo-me, de um professor de história e geografia, que mesmo autoritário ao extremo, com uma capacidade de cativar a todos pela sua convicção, e sabedoria, a ponto de tornar-se um exemplo a ser seguido, fazendo com que os alunos temessem decepcioná-lo, motivando-se assim a estudar para poder participar dos debates promovidos por ele em sala de aula.

Lembro-me com clareza de uma pergunta que questionava a autoridade da igreja sobre os seus seguidores, dirigida a mim, filha de uma família católica, pais ministros da Eucaristia, morando numa cidade em que não tinha sequer outra igreja a não ser a católica, onde o “sermão” da missa do domingo era o momento em que o Padre “comentava” e analisava a conduta dos fiéis e sobre os possíveis “problemas” da comunidade, julgando positiva ou negativamente os atos das pessoas diante de toda comunidade.

Naquele momento senti que todos os colegas agradeceram a Deus por não estarem na minha situação, e eu, com o sentimento de “azarada do dia” respondi com o intuito de me manter imparcial, mas na discussão, que precisávamos acreditar em Deus, e também, para as idéias da igreja, devíamos ser críticos. Ele pediu pros colegas me aplaudirem, o que para mim foi um momento de êxtase, e claro, lição aprendida. Talvez a resposta nem fosse a que ele esperava, mas sei que ele sabia a

problemática da situação em que me colocara e reconheceu o meu esforço para responder. Deste fato, dois aspectos importantes: nunca mais temi expor minhas idéias e, segundo descobri, que somente através do questionamento somos capazes de descobrir o que realmente pensamos e aprendemos sobre as coisas.

Uma frase que descobri ao ler a introdução de um livro, há pouco tempo, fez-me ter um novo olhar sobre os fatos do cotidiano escolar: “Na escola, como na vida, há dias carregados, em que o coração se contorce a golpes de desastres, de insegurança, ou de erros solenes... E dias luminosos, em que a alma se acende sem poder evitar” (NAVARRO, 1998, p. 13).

Tudo isso nos mostra como o professor é peça fundamental para o desencadear das possibilidades, e na realização do próprio Projeto Político-Pedagógico. Quantos aspectos podem ser observados nestes relatos? Quantos estão determinados pela proposta da escola e mesmo, quantos estão vinculados diretamente àquilo que a proposta muitas vezes rejeita? Seriam estas atitudes previstas no regulamento da escola?

Além disso, é comum, hoje, ao analisarmos as propostas dos Projetos Político-Pedagógicos, mencionarem a presença da afetividade que deve se estabelecer no ambiente escolar em todas as suas relações como importante meio para se alcançar uma forma mais objetiva de evitar problemas comportamentais e sociais.

O primeiro caso relatado pode ser um dos casos de Burnot, onde certamente a professora já ignorava a relação afetiva como meio pra conseguir resultados. Para Codo (1999) que é o coordenador da pesquisa intitulada Educação: carinho e trabalho, com enfoque em Burnout, a Síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação, realizada no Brasil, por uma equipe interdisciplinar, que verificou e relata as condições de trabalho e saúde mental dos trabalhadores em educação do país, o afeto é indispensável na atividade de ensinar.

Através do contato tácito, onde o professor se propõe a ensinar e os alunos se dispõem a aprender, uma corrente de elos de afetividade vai se formando, propiciando uma troca entre os dois. Motivação, cooperação, boa vontade, cumprimento das obrigações deixam de ser tarefas árduas para os alunos. Interesse, criatividade, disposição para exaustivamente sanar dúvidas, estimulam o professor. Em outras palavras, o papel do professor acaba estabelecendo um jogo de sedução, onde ele vai conquistar a atenção e despertar o interesse do aluno para o conhecimento que ele está querendo abordar (CODO, 1999, p. 49).

Além disso:

Esta sedução, esta conquista, envolve um enorme investimento de energia afetiva, canalizada pra a relação estabelecida entre aluno e professor. É nesta dança, entre sedutor e seduzido, na sincronia dos passos, na harmonia dos movimentos, que o professor transfere seus conteúdos e o aluno fixa o conhecimento. É mediante o estabelecimento de vínculos afetivos que ocorre o processo de ensino-aprendizagem (CODO, 1999, p. 49).

Além da relação de afetividade entre aluno e professor, é necessário mencionarmos a importância da relação de afetividade do professor com todos os demais envolvidos com o cotidiano escolar.

A forma como todos vêem o professor nas suas relações sociais e familiares é um dos fatores que pode interferir na visão que o aluno pode colocar ou não como empecilho para a abertura na relação afetiva com o professor. É como se houvesse um pré-conceito de imagem e atitude.

Ademais, do professor cobra-se uma coerência de atitudes, ou seja, o discurso deve ser coerente com a ação, caso contrário não lhe será designada nenhuma credibilidade.

Somos professores todo dia o dia todo, pois ser professor nos exige isso, talvez esta seja a profissão que mais caracterize o profissional, ou seja, uma vez professor, sempre professor, onde quer que este esteja. Não cobramos muitas vezes que o médico que tanto pede para que não tenhamos o hábito de fumar, não fume. Mas cobramos que o professor seja o mesmo do seu discurso 24 horas por dia. Ou seja, só pra ilustrar, quem ao encontrar em algum lugar, na rua, supermercado, etc., o seu dentista e ao cumprimentá-lo diz: - "Oi, Dentista João!" Ou então: - "Bom dia, açougueiro Pedro!"; - "Boa tarde, Costureira Tereza!".

Mas, o professor, tenha ele sido ou não seu professor, em qualquer época de sua vida, ao encontrá-lo, é comum que ante seu nome venha naturalmente à designação da sua profissão. Quando encontramos um professor, parece que é quase automático, colocamos o predicado ante seu nome, seguido também de um tratamento de Senhor e ou Senhora.

Estas convenções sociais estabelecidas ao longo dos tempos nos remetem ao que determina o professor como figura ilustrativa da escola. Isto é, o indivíduo, além dos colegas, com o qual mais tempo estabelecemos contato direto enquanto aluno.

Neste sentido, somos professores(as). Representamos um papel, uma imagem social, que carrega traços muito marcantes e muito misturados. Incômodos. A resposta à pergunta quem somos, está colada a como foi se constituindo a imagem social do magistério (ARROYO, 2000, p. 28).

Para o professor é fundamental esta leitura, pois como dele é cobrada muita coerência, equilíbrio e principalmente unidade, esta trama complexa de relações não pode deixar de funcionar harmonicamente. Porém, eis aqui o grande problema:

Problematizar-nos a nós mesmos pode ser um bom começo, sobretudo se nos leva a desertar das imagens de professor que tanto amamos e odiamos. Que nos enclausuram, mais do que libertam. Porque somos professores. Somos professoras. Somos, não exercemos a função docente. Poucos trabalhos e posições sociais podem usar o verbo de maneira tão apropriada. Poucos trabalhos se identificam tanto com a totalidade da vida pessoal. Os tempos de escola invadem todos os outros tempos. Levamos pra casa as provas e os cadernos, o material didático e a preparação das aulas. Carregamos angústias e sonhos da escola para casa e de casa para a escola. Não damos conta de separar esses tempos porque ser professoras e professores faz parte de nossa vida pessoal. É o outro em nós (ARROYO, 2000, p. 27).

O verdadeiro profissional de educação acredita nele mesmo e naquilo que propõe; se auto-estima e auto-gerencia, lê incansavelmente, pesquisa, se recria e projeta o hoje e o amanhã de forma naturalmente reflexiva, transformando a sua ação diariamente, sendo capaz de contribuir na formação integral dos alunos, avança nessa proposta rumo à autonomia e auto-formação.

Ele é um eterno aprendiz, transparecendo isso de tal forma que instiga seus alunos a aprenderem. Ele se permite estudar, refletir, atualizar-se, inovar e valorizar-se. Não é tendencioso, passivo ou autoritário; cativa seus alunos por meio de novos questionamentos a partir das dúvidas, e não pela solução imediata das mesmas. Ou seja, o essencial da sua formação consiste, de certa forma, em construir a sua identidade pelo prazer da sua ação, assumindo uma atitude de busca inquietante para aprender e construir, com os seus alunos, novos conhecimentos, novas relações, novas reflexões e ações.

Mas... fica a pergunta: Será fácil envolver tantos atributos nesta trama complexa de relações de forma harmônica?

A formação é um dos aspectos relevantes e por diversas vezes discutido. Permeado pela função de auto-gerenciar-se, ao professor cabe a tarefa de estar em constante aperfeiçoamento de sua práxis. Sua profissão, assim como a própria

educação, não tem dia marcado para iniciar e muito menos para acabar. O professor pedagogo, que para mim é um profissional polivalente, desempenha tantos tipos de atribuições que às vezes parece até impossível, tem um leque de ações e informações das quais precisa ter domínio, ou ao menos ter uma noção básica do que seja. Porém, qual o incentivo que este recebe para que mantenha este constante aperfeiçoar da profissão? Ou seja, para além do crescimento pessoal e profissional?

Os órgãos públicos encarregados têm como “meta” criar políticas que possibilitem manter estes professores da educação básica somente com a graduação, pois para eles não há uma estimativa positiva de lucro e situação mantenedora do sistema instituído, se estes cursarem níveis de pós-graduação. Ou seja, o professor com a graduação é capaz de “dar conta” do processo somente fazendo cursos de aperfeiçoamento, de tempos em tempos.

Nas escolas de educação infantil da rede privada, por exemplo, a lei de incentivo à contratação de estagiários (por se tratar de uma empresa) gera uma situação muito pouco favorável aos profissionais já graduados; o estagiário ocupa o lugar, muitas vezes, de 40% de professores formados a serem contratados, pois “vendem” uma mão de obra nem sempre qualificada, mas barata.

Estas questões, embora tão naturais no cotidiano de hoje, vão, sim, contribuir para a despersonalização do profissional, e assim minar em mais um aspecto a nossa tão desejada auto-estima. Ou seja, como nos diz Lafebvre, citado por Alarcão (2001, p. 69),

(...) devido às condições históricas em que o trabalho é realizado, de forma repetitiva e homogênea, seriada em massa, o trabalhador, de modo geral, vai tornando-se um homem separado de suas atividades, idéias e criações e é destruído no processo de produção; enfim, como homem que pensa e age, ele é consumido na realidade das forças produtivas, sendo reduzido ao nível de objeto e à classe que detém o poder e o saber, expropria do homem suas obras e seus produtos, conservando apenas “certos aspectos mínimos de sujeito, para que possa continuar produzindo.

Há vários fatores determinantes para a formação do professor, que se dá ao longo de toda a vida. Para que aconteça este processo de forma harmônica, positiva e compensatória é necessário que a comunidade escolar, direção, professores, funcionários, pais e alunos, valorizem o professor pela sua caminhada, suas experiências e buscas. Pela pessoa que ele representa e pela forma com que este é

capaz de conduzir sua vida pessoal e profissional. Além disso, oportunizar um ambiente rico e saudável, oportunizando uma equipe de apoio, turmas com número adequado de alunos e condições para que este possa manter uma formação continuada de qualidade. Ao professor cabe demonstrar que merece este tipo de apoio, sendo coerente, organizado e responsável por este processo.

Mas de que valem condições, se estas não vierem junto a uma liberdade, que perpassa pela autonomia, pela afetividade recíproca, pelo sentimento de realização, reconhecimento e satisfação?

O Professor deve sentir-se importante para o bom andamento da proposta da escola e todo o seu contexto. Esse sentimento é a principal alavanca para que reconheça e atue de forma comprometida, criativa e regada de afetividade. Isso principalmente porque é a partir deste comprometimento que ele estará de forma responsável ocupando seu espaço na teia complexa de relações presente no contexto escolar.

2 UM OLHAR SOBRE O PROJETO POLITICO-PEDAGÓGICO E A GESTÃO DEMOCRÁTICA

Mesmo que o assunto em pauta nos últimos anos seja a gestão democrática, nem sempre o professor “entende” corretamente este processo; ou ainda, em outros casos, ele compreende, mas não lhe é concedida uma participação real no processo democrático, apenas uma participação mascarada.

O que é processo democrático? Qual a concepção de democracia que viabiliza a ação do professor, a qual está diretamente ligada a sua construção e apropriação da autonomia e bem estar, que lhe remete à auto-estima e realização profissional? E esta auto-estima, como já foi citada, não é um pressuposto fundamental para a realização do Projeto Político-Pedagógico?

A Gestão Democrática é o processo político através do qual as pessoas na escola discutem, deliberam e planejam, solucionam problemas e os encaminham, acompanham, controlam e avaliam o conjunto das ações voltadas ao desenvolvimento da própria escola. Este processo, sustentado no diálogo, tem como base a participação efetiva de todos os segmentos da comunidade escolar, o respeito a normas coletivamente construídas para os processos de tomada de decisões e a garantia de amplo acesso às informações aos sujeitos da escola.

Realizar uma gestão democrática significa acreditar que todos, juntos, têm mais chances de encontrar caminhos para atender às expectativas da sociedade a respeito da atuação da escola. Ampliando o número de pessoas que participam da vida escolar, é possível estabelecer relações mais flexíveis e menos autoritárias entre educadores e comunidade escolar.

O professor, nesta perspectiva, deverá ser aquele capaz de assegurar continuamente as conquistas dos alunos promovendo a interação dentro e fora da escola, a fim de construir uma consciência democrática em seus educandos.

Todos estes aspectos devem, sim, ser considerados. Hoje notamos uma verdadeira falta de reconhecimento de democracia pela população em geral, na qual estão incluídos os profissionais de educação. A democracia existente hoje é a democracia do oportunismo, da conveniência. Uma democracia que nada mais é do que a luta por interesses próprios, individuais, nunca coletivos e para a maioria.

E então chegamos à outra incoerência: se queremos uma educação capaz de

contribuir para uma formação de cidadãos democráticos e comprometidos, acredita-se que se os professores não tiverem estas características em seu perfil eles não conseguirão atingir este objetivo.

Por muitas vezes vivenciei amostras concretas disso, às vezes em assuntos de pequenas proporções, mas que ilustravam exatamente um comportamento a ser adotado em outras situações de maior abrangência. Estes pequenos exemplos podem ser desde a distribuição pré-estabelecida das salas de aula, mas que vai à votação para dar uma “falsa” impressão de que todos são responsáveis pelo processo e acabar acreditando que existe uma democracia.

Uma escola está fundamentada na sua proposta e na ação dos seus educadores, regidos por uma equipe gestora que permite ou não autonomia e liberdade. A relação interpessoal na escola, baseada no comprometimento e na interdisciplinaridade favorece o êxito das ações pedagógicas e assim alcança os objetivos propostos à educação.

A cerca disso, busca-se compreender e significar a importância do Projeto Político-Pedagógico, pois este tem funções que seu próprio nome designa: compromisso político por representar e favorecer as intenções e interesses do cidadão, bem como a sua formação de forma crítica e participativa, afinal, é o fortalecimento de uma ação sólida, porque é conjunta e coletiva; além, é claro, do compromisso pedagógico que é a intenção propriamente dita da ação educativa, dever da escola.

O projeto busca um rumo, uma direção. É uma ação intencional, com um sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é, também, um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sóciopolítico com os interesses reais e coletivos da população majoritária. É político no sentido de compromisso com a formação do cidadão para um tipo de sociedade. “A dimensão política se cumpre na medida em que ela se realiza enquanto prática especificamente pedagógica” (SAVIANI, 1983, p. 93). Na dimensão pedagógica reside a possibilidade da efetivação da intencionalidade da escola, que é a formação do cidadão participativo, responsável, compromissado, crítico e criativo. Pedagógico, no sentido de definir as ações educativas e as características necessárias às escolas de cumprirem seus propósitos e sua intencionalidade (VEIGA, 2002, p.13).

Mas, como chegar a esta instância se o professor, principal agente deste processo, não identifica e reconhece esta função? Ou ainda: como alcançar os objetivos de um determinado processo de construção e significação de um grupo, se

muitas vezes o professor nem ao menos reconhece o seu próprio processo?

Libâneo (2003) sugere que somente através do diálogo isso é possível. Ou seja, da interação de todos os membros do processo, onde a reciprocidade e a troca de experiências é um ambiente onde tanto o professor, quanto os demais membros, sejam eles, pais, alunos, direção e funcionários sintam-se integrados e capazes de perceber a sua importância para o sucesso do Projeto Político-Pedagógico da Escola.

Este diálogo é baseado na verdade e no compromisso com a verdade e a solidariedade.

Esse caráter de diálogo e de compartilhamento de significados entre as pessoas da comunidade escolar possibilita à escola como um todo adquirir experiência, acumular recursos cognitivos e operacionais, construir competências coletivas. Ou seja, a instituição torna-se uma organização aprendiz, um espaço de aprendizagem contínua, em que a organização aprende com seus membros e vice-versa (LIBÂNEO, 2003, p. 387).

Além disso, ao desejarmos essa harmonia no grupo que constitui a comunidade escolar, cabe lembrar que é este mesmo grupo o responsável pela criação e execução do Projeto Político-Pedagógico de forma participativa. Esta responsabilidade está diretamente ligada à reflexão, como nos fala Veiga:

A reflexão sobre o planejamento participativo deverá percorrer os pressupostos da proposta referenciada; a construção teórico-metodológica do objeto do planejamento; fazer as considerações sobre os sujeitos que o projeto integra e descrever alguns instrumentos técnicos que ajudarão a viabilizar o plano, no caso, o Projeto Político-Pedagógico da escola. O eixo da reflexão estará em torno da capacidade de o planejamento participativo e seu produto – o Projeto Político-Pedagógico da escola – possibilitarem a vivência da prática reflexiva, democrática e democratizante e, com isso, atuarem no sentido da construção de identidades, da escola e dos sujeitos que ela congrega (VEIGA, 2001, p. 133).

Então, se a construção do Projeto Político-Pedagógico pressupõe as intenções da comunidade escolar, no que se refere aos objetivos e à intencionalidade para a transformação, e este tem como objetivo principal alavancar a motivação de todos os envolvidos em prol do bem comum, é possível que este seja traçado apenas por uma equipe diretiva? Ou, então, que os demais envolvidos anulem sua participação pelo comodismo de concordar sem contestar ou ao menos questionar? É possível exercer o papel de educador quando se assume o

posicionamento da indiferença pelo processo pelo qual nos comprometemos, que é com a formação do cidadão e no que isso pode contribuir para a sociedade onde este está inserido?

Se compreendermos que o conhecimento não é estático, que este se constrói principalmente na relação com o outro, que esta relação está intimamente ligada ao contexto histórico e cultural dos envolvidos e que são movidos pela razão e pela emoção, a escola é o instrumento/espço/contexto que possibilita estas relações, de forma intencional; e isso valoriza e requer as construções individuais e coletivas, sem delimitar os papéis do educando, educador e demais membros da comunidade. Ou seja, “A busca da gestão democrática inclui, necessariamente, a ampla participação dos representantes dos diferentes segmentos da escola nas decisões/ações administrativo-pedagógicas ali desenvolvidas” (VEIGA, 2002, p. 18).

O envolvimento de todos os agentes desde a construção do Projeto Político-Pedagógico até a execução de simples tarefas do dia-a-dia escolar transforma o ambiente educacional, refletindo nas ações de pais, alunos, funcionários e professores, os quais passam a contribuir com o bom funcionamento da instituição. Isto porque,

A gestão democrática inclui, principalmente, o repensar da estrutura de poder da escola, tendo em vista sua socialização. A socialização do poder propicia a prática da participação coletiva que atenua o individualismo; da reciprocidade que elimina a exploração; da solidariedade, que supera a opressão; da autonomia, que anula a dependência de órgãos intermediários que elaboram políticas educacionais das quais, a escola é mera executora (VEIGA, 2002, p. 18).

Hoje, quando primamos por uma sociedade democrática, não podemos conceber uma escola com caráter conservador, hierárquica, onde alguns planejam, outros executam e outros são meros receptores. Esta idéia que dinamiza o sistema no qual vivemos, onde o professor é um profissional pouco valorizado pela sociedade, mas que implicitamente, este mesmo sistema reconhece e determina o poder que este profissional teria, caso valorizasse sua verdadeira função social. Por isso, luta incessantemente para que a sociedade mantenha este conceito de declínio, pois enquanto isso, ao invés de oponentes, o professor ocupa um lugar de conivência, muito confortável para o objetivo da dominação das idéias.

Um sistema que só dá certo porque está determinado pelas diferenças sociais

e de poder aquisitivo, não pode correr o risco, ao investir em uma educação mais crítica e construtiva, que num determinado tempo, fará com que nenhum cidadão aceite mais uma posição subordinada, vendendo mão de obra barata em prol da sua mera sobrevivência e enriquecimento de uns poucos.

É fácil perceber que há um jogo de interesses que faz com que a educação permaneça da forma que está, nem “adequada” à realidade social, diante dos sonhos dos educadores, e nem “inadequada” para as “leituras” do povo em geral.

Em alguns casos, encontramos escolas com propostas plausíveis, mas não muito sólidas em sua base, pois são construídas por uma coordenação pedagógica e não pelo quadro geral de profissionais, e muito menos pela comunidade. Neste contexto, o professor percebe que sua formação continuada não tem grande importância. Executar tarefas também não exige muito da formação, a remuneração é desmotivadora para qualquer investimento em formação continuada (no que se refere a cursos de aperfeiçoamento e pós-graduação) e outros tantos fatores que levam o profissional a uma desmotivação sem medidas. Neste sentido,

O Projeto Político-Pedagógico é entendido como a própria organização do trabalho pedagógico da escola. A construção do Projeto Político-Pedagógico parte dos princípios de igualdade, qualidade, liberdade, gestão democrática e valorização do magistério (VEIGA, 2002, p. 22).

Nesta visão, não há poder hierárquico, os profissionais têm linhas de ação horizontais e não verticais, porém, para que isso se viabilize, são necessários profissionais com formação adequada, que inclui formação básica (graduação), formação continuada e, muito além disso, a própria auto-gestão e auto-formação, que inclui sua visão de mundo e a maneira como administra a sua própria vida.

A LDB dispõe, no Título VI, Art. 62 que

a formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em cursos de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na Educação Infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, oferecida em nível médio, na modalidade normal.

Porém, ser professor está além da titulação:

A segurança com que a autoridade docente se move implica uma outra, a que se funda na sua competência profissional. Nenhuma autoridade

docente se exerce ausente desta competência. O professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. Isso não significa, porém que a opção e a prática democrática do professor ou da professora sejam determinadas por sua competência científica. Há professores e professoras cientificamente preparados, mas autoritários a toda prova. O que quero dizer é que a incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor (FREIRE, 2001, p. 102).

Além disso, desqualifica sua profissão e o trabalho da escola em que atua.

A sociedade contemporânea está passando por uma série de modificações que nos obrigam a reavaliar e revalidar o papel do professor. Em tempos onde conjuga-se principalmente o verbo “TER”, excluindo a toda prova o verbo “SER”, exige-se um outro perfil do professor, onde este se torne um cidadão do seu tempo e ao mesmo tempo um aprendiz, emergindo de um processo íntimo de construção e re-construção permanente, preocupado com a formação de cidadãos menos consumistas e individualistas e mais solidários e fraternos.

Para ilustrar a seguinte situação:

(...) o aprendizado de um novo referencial educacional envolve mudanças de mentalidade, e isso não acontece de forma imediata, porque todas as pessoas não deletam de suas cabeças o que sabem fazer e dizer para colocar novas concepções, não se muda de paradigma educacional como se muda de vestimenta (VALENTE, 1993, p. 99).

Ao realizarmos uma análise comportamental e atitudinal de qualquer ser humano, perceberemos que ele tem, em relação a comportamentos e atitudes, dois grandes desafios a serem superados ao longo de toda sua vida, que são, conviver e superar os paradigmas, principalmente o excludente e aquele que nem ele na verdade reconhece como paradigma, pois está inculcado na sua forma de ser pela forma com que lhe foram transmitidos valores ao longo da sua educação, que acontece do nascimento e se prolonga por toda vida.

Por este motivo, existe uma grande dificuldade de se fazer compreender novos processos, principalmente a assimilação deles, pois todos somos carregados de saberes pré-estabelecidos, muitas vezes “engavetados”, e também alguns conceitos tidos como verdades prontas e acabadas. Assim, o aprendizado de um novo referencial requer reflexão e, além disso, vontade de mudar ou se deixar tocar por novas idéias, visões de mundo e mudanças da realidade, assumindo processos instituintes de reconstrução e transformação da realidade, tanto escolar como social.

Como podemos querer uma sociedade democrática se nem nas escolas conseguimos elucidar e praticar a democracia? Ou será que, no fundo, não queremos democracia?

Para Schmitz (1984, p. 154) democracia é ideal de educação.

Independente do regime político do Estado pode-se dizer que a democracia é o ideal da educação e da vida pública. Não tanto porque nela cada cidadão tem a oportunidade de manifestar-se livremente e de votar em quem quiser. Mas antes, porque a democracia é da própria constituição humana. O homem, tomando consciência de si mesmo, percebe que é portador de direitos e deveres, que tem certos valores, que possui finalidades que ele sozinho não poderá realizar. Então ele se volta para os outros homens, seus companheiros, que lhe suplementam a capacidade de ser plenamente homem. Mas, por outro lado, também ele tem algo a oferecer aos outros, que precisa por à disposição deles, para não se tornar um egoísta, um explorado, mas antes, para ser um companheiro e um participante da vida dos outros.

Quando o homem não mais se reconhece como ser democrático, ou seja, é limitado na sua capacidade de expor suas idéias e participar livremente, inicia um processo de desencanto e frustração capaz de torná-lo ou passivo e submisso ou um tirano mascarado, que canaliza sua revolta àquele que lhe parecer mais fraco ou subalterno. No caso da escola, podemos ilustrar com aqueles casos onde o professor não participa das decisões de planejamento, ou por comodismo ou por falta de oportunidade coerente, e em sala de aula adota uma conduta de tirania com seus alunos, admitindo um poder hierárquico onde o professor manda e o aluno obedece; o que vai desencadear diversos outros problemas, pois hoje, naturalmente, os alunos são frutos de uma geração formada por todos os tipos de informação, o que lhes concede uma capacidade muito grande de criticar, opinar, se opor e transpor regras; Munido de toda essa “bagagem”, não vai admitir tão facilmente determinadas posturas e imposições por parte dos professores.

Na realidade, o aspecto social do homem, interpretado corretamente, exige que ele viva em democracia, entendida como a partilha total e generosa de todos os valores, aspirações, e finalidades dos homens entre si, bem como o desenvolvimento conjunto e co-responsável de oportunidades em que todos tenham o seu lugar e a sua chance de se realizarem pessoal e socialmente, e em que os outros possam participar dos bens e dos valores das pessoas individuais (SCHMITZ, 1984, p. 154).

Este é um dos valores a ser colocado em pauta na escola, preferencialmente

quando se quer discutir democracia. Para isso o professor deve estar consciente desta idéia e apto a argumentar diante dos questionamentos. Mais ainda, deve procurar ser coerente com as suas palavras, assumindo sempre uma postura dialógica, reflexiva e democrática, tanto na vida profissional como pessoal/social.

A democracia é a íntima ligação entre direitos e deveres, onde cada um reconhece seu papel e assume suas atitudes de forma responsável e coerente com o todo e não em prol de si mesmo. Na escola, muitas vezes as “votações democráticas” nada mais são do que lutas de interesse em benefício dos interesses de um determinado grupo, que quer manter ou adquirir o poder maior de decisão.

Benincá (2002, p. 32) levanta o seguinte questionamento:

No que se refere às relações que se estabelecem no interior da escola, podem ser levantadas suspeitas como: que relações de poder perpassam? Que compreensão de autoridade, democracia, autonomia tem os envolvidos na relação pedagógica? Como se entrecruzam, no dia-a-dia escolar, valores, símbolos e significados trazidos pelos alunos e pais e aqueles transmitidos pela escola?

Este questionamento remete a outros; faço a ligação entre a democracia e o planejamento de acordo com a realidade e assim, como a escola se compromete, democraticamente, com os interesses da realidade onde está inserida? Decorre daí, então, a necessidade de um Projeto Político-Pedagógico?

Quando pensamos no Projeto Político-Pedagógico, como única forma de criar uma simultaneidade de ações na escola, baseadas na coerência e compromisso de todos, devemos compreender que o projeto não está centrado no aluno, ou no professor, ou na equipe diretiva, ou ainda no contexto somente, mas sim, em todos estes sujeitos e na comunidade de uma forma contextualizada.

O sujeito não é somente o aluno, mas também o professor, a direção, os pais. Todos eles atuam e interfere um sobre o outro e, inclusive, sobre o contexto social, e eles sobre aqueles. Essa concepção teórica, como se vê, implica uma relação dialética entre sujeitos (BENINCÁ, 2002, p. 43).

Porque:

Admitindo que a operação do poder caiba a diversos sujeitos, que mantém entre si uma relação dialética, fica evidente que uma proposta pedagógica só pode ser construída participativamente e conduzida através do confronto dialógico. Neste sentido, todos são participantes e responsáveis, mesmo

que existam funções diferentes na estrutura escolar (BENINCÁ, 2002, p. 43).

Permitindo-me colocar pontos de vista, baseados em experiências próprias, a autonomia do educador hoje se resume a uma autonomia didática, fundamentada na formação individual de cada um, que vai ser supervisionada e restringida quando esta extrapolar os “interesses” da equipe diretiva (coordenação pedagógica e direção). Ou seja, a autonomia na maioria das vezes “é medida” e vigiada, mas passa-se uma falsa idéia de liberdade pedagógica. É claro, isso não deixa de ser uma estratégia política de dominação para a submissão; quando eu alimento falsas verdades, estas mascaram a realidade e mantêm o sistema hierárquico que interessa ao grupo dominante. E isso, de uma forma ou outra, sempre se transforma em processos de discriminação e diminuição da dignidade humana, ou seja, em mecanismos de desumanização.

Para Lück (2006, p. 61), a participação é uma necessidade humana;

Entende-se que a natureza humana básica – sua vocação primeira – consiste na necessidade de a pessoa ser ativa em associação com seus semelhantes, desenvolvendo seu potencial. Isto é, o ser humano se torna uma pessoa e desenvolve sua humanidade na medida em que, pela atuação social, coletivamente compartilhada, canaliza e desenvolve seu potencial, ao mesmo tempo que contribui para o desenvolvimento da cultura do grupo em que vive, com o qual interage e do qual depende para construir sua identidade pessoal.

A partir destes recortes, que permeiam o ser professor, pela função e ação da escola, ou seja, pelo Projeto Político-Pedagógico e gestão democrática além da sua relação com todo o processo, sejam eles a ação pedagógica ou as relações interpessoais, entende-se que o gestor é aquele comprometido com a sua função no processo escolar, consciente da trama complexa de relações da qual faz parte, da interdependência dos setores e que colabora de forma a contribuir para que todo o processo se realize de forma harmoniosa; isto implica também saber trabalhar com os conflitos gerados pelos diferentes pontos de vista trazidos pelos sujeitos participantes efetivos da construção coletiva, onde todos devem estar comprometidos em defender e buscar o bem comum acima dos interesses individuais.

3 CONTRIBUIÇÕES DOS SUJEITOS DA PESQUISA

3.1 Caracterização dos sujeitos da pesquisa

São sujeitos da presente pesquisa seis professoras de diferentes formações, idades e escolas, mas que têm em comum os laços de amizade com a pesquisadora; sendo assim, estiveram interligadas e participaram ativamente das discussões levantadas pelo tema proposto.

A professora para a qual designarei o nome de Maria, tem 41 anos, e há 15 anos é diretora e proprietária de uma escola de Educação Infantil; é Pedagoga (curso concluído em 1996) e especialista em Educação Infantil e Gestão Educacional. Considera que seu processo de formação iniciou quando realizou verdadeiramente uma reflexão profunda sobre a sua ação pedagógica.

A segunda entrevistada, que aqui chama-se Júlia, tem 38 anos e atua como professora da escola de Educação Infantil da Maria há 9 anos. Sua formação é Magistério, que concluiu no ano de 1988 e atualmente cursa Pedagogia. Cita como início da construção da sua identidade como professora o momento em que optou pelo magistério, ainda no ensino médio. Porém, ressalta que a conscientização da importância e responsabilidade da profissão aconteceu no início do curso superior, em 2005, pois considera que quando a teoria e a prática acontecem paralelamente o professor consegue refletir sobre sua atuação de uma forma mais crítica e aprofundada.

A professora que eu denomino aqui como Teresa, também é pedagoga, formou-se no ano de 2005, atualmente cursa a especialização em Gestão Educacional e atua há 6 (seis) anos como auxiliar de professora na escola da Maria, onde é colega de Júlia e também da pesquisadora. Teresa descreve como início da sua formação, os estímulos que recebia do pai e da avó, quando ainda era criança, assim como o prazer que descobriu ao trabalhar com crianças e principalmente na relação professor-aluno.

Outra professora, a qual eu chamo Rosane, tem 51 anos e atua há 28 anos. Trabalha atualmente numa escola do sistema estadual de ensino que atende crianças de um bairro central de classe média da cidade de Santa Maria, e também crianças do bairro e de outras localidades, incluindo a periferia, como professora de

educação Infantil e também como professora da primeira série do ensino fundamental. Formou-se no curso de Pedagogia em 1984 e está em processo de aposentadoria.

Rosane descreve como início da construção de sua identidade o período do sonho de ser professora, que nasceu na infância. Na sua família, as irmãs todas são professoras, exceto a mãe, que era contra. Suas palavras: “em relação à Educação Infantil, meu primeiro emprego (1978), escola particular, iniciei com Educação Infantil e peguei o gosto. Jamais imaginei que esse seria o que mais me daria prazer em toda a minha vida profissional”.

A quarta entrevistada, que aqui se chama Raíssa, tem 26 anos, é Pedagoga formada em 2004 e especialista em Gestão Educacional. Atua como professora de uma escola da rede privada que atende da educação infantil ao ensino médio há dois anos. Raíssa é filha de Rosane. Já trabalhou na escola da Maria e foi colega de trabalho de Júlia. Raíssa descreve a construção de sua identidade da seguinte forma:

– Sou filha de professora, por essa razão cresci dentro da escola, em que aos poucos fui me descobrindo como professora. Aos 15 anos iniciei o magistério, mas devido a uma reprovação em uma das matérias do científico, tive que trocar de escola e não pude continuar o curso normal. Quando cheguei ao terceiro ano fiz o PEIES para Pedagogia, e por um acaso fui aprovada e comecei a cursar. Formei-me em 2001, procurei então a Especialização, que era na área onde eu gostava, administração escolar, ao terminar comecei a trabalhar em uma escola de educação infantil como auxiliar administrativo, depois fui convidada a ser professora na escola onde atuo. Minha trajetória explica um pouco da descoberta da minha identidade, embora acredite que realmente a confirmei e concretizei no dia-a-dia da escola, do ofício de educador. Acredito que a formação começou ainda nos primeiros contatos com a escola, mas a construção da identidade se deu no contato com a escola, com os alunos, com os colegas.

A quinta entrevistada eu chamo Jolaine, que atua há dois anos como professora substituta na Universidade Federal de Santa Maria e também como professora de um cursinho preparatório para o vestibular. Tem 28 anos e formou-se em Letras no ano de 2003. Hoje aguarda o início do Mestrado para o qual foi selecionada. Já atuou como professora de português numa escola da rede privada

que atende da Educação Infantil ao Ensino Médio. Jolaine considera que a construção da identidade do profissional se dá pela relação estabelecida entre os seus estudos contínuos e a aplicabilidade desses na sua vida profissional. Assim também acredita que o seu processo de formação tenha se iniciado a partir do momento em que começou a atuar em sala de aula, a partir do momento em que teoria e prática se encontraram.

A pesquisadora, que também se inclui como sujeito da pesquisa, tem 29 anos, é pedagoga e atuou como professora por oito anos na escola de Maria, sendo colega de trabalho de Júlia, Teresa e Raíssa. Além disso, é curioso ressaltar que esta formou-se no curso de Pedagogia junto com Teresa, ou seja, no ano de 2005. Considera que sua identidade como professora iniciou no momento em que se deu conta de que sua verdadeira vocação era ser professora, afinal, ainda criança, sua brincadeira preferida era brincar de “escolinha” junto com sua vizinha e amiga de infância. Um fato curioso é que esta sua amiga também, hoje, é professora. Ressalta ainda que sua identidade como professora formou-se através da descoberta de si mesma e que o ser professora contribuiu para estas descobertas, como que numa sincronia a identidade profissional se formou através da formação da identidade pessoal e vice-versa.

– Atuar me fez descobrir qualidades e defeitos que eu desconhecia em mim, isso gerou grandes conflitos, porém, muito maiores foram as conquistas e a transformação positiva como ser humano e assim, como um profissional melhor, que se dispõe a crescer a cada dia.

Desta descrição é importante ressaltar o fato de que Maria é a única diretora, nunca atuou em sala de aula a não ser nos períodos de estágio do magistério e do curso de graduação e ou substituindo alguma professora, da sua escola, em período de atestado. É chefe de Júlia, Teresa e também já foi da pesquisadora e de Raíssa, sendo que desta foi colega no Curso de Especialização em Gestão Educacional.

Além disso, é importante observar, que Júlia e Teresa trabalham na mesma escola, embora Júlia, mesmo não tendo curso superior, atua como professora, enquanto Teresa, que já é formada em Pedagogia há dois anos, e cursa especialização, ainda permanece como auxiliar. Este fator gera um grande conflito em Teresa, refletindo diretamente na sua identidade e auto-imagem; interfere na sua auto-estima e por diversas vezes fez com que esta quisesse desistir.

3.2 A concepção de identidade e auto-imagem segundo os sujeitos da pesquisa

Nas páginas iniciais deste trabalho, me detive em descrever sobre a identidade e auto-imagem, agora, quero credibilizar as colocações, através das falas dos sujeitos da pesquisa, onde cada uma coloca, à sua maneira, o que considera identidade e auto-imagem, seja positiva e otimista, seja negativa. Cada uma, ocupando-se da função de professora, descreve identidade e auto-imagem de maneiras um tanto quanto parecidas, porém, partindo da sensibilidade pessoal de cada uma e na forma como vê o seu trabalho, há particularidades possíveis de serem evidenciadas. Observemos:

Quando a Professora Maria descreve identidade e auto-imagem, coloca que:

- ... são traços firmes de valores colocados a serviço dos outros, são coerências que fazem a busca de novos saberes e percepções e a auto-imagem positiva é a análise real e verdadeira que faço ao olhar para dentro de mim e ao meu redor e deixar-me ver e aprender sempre. A negativa é quando o professor não se expõe ao risco de ver e se deixar ver, não se deixa desafiar.

Vejamos o que nos descreve a professora que atua na sua escola há nove anos:

- ... no meu ponto de vista a identidade e a auto-imagem positiva otimista de um professor é quando ele atua na área que se especializou, respeitando seu aluno, sendo coerente com o papel imprescindível que tem como mediador no processo ensino-aprendizagem, e jamais deixar que as limitações da profissão que ele escolheu, como baixos salários, falta de recursos, falta de valorização e outros influenciem na sua atuação. E a identidade e auto-imagem negativa é quando o professor deixa de respeitar o aluno, sendo um profissional mal humorado, irritado com situações que envolvem sua profissão, que não tem consciência da importância que tem no processo do qual faz parte, e o pior, no quanto isso irá se refletir na vida de seu aluno quando ele for um cidadão atuante na profissão que por ele for escolhida.

E o que descreve a professora que também atua nesta escola há seis anos:

- ... identidade e auto-imagem positiva é a construção diária através do prazer, quando o professor se identifica e se alegra com o que faz, fazendo refletir, de

forma positiva, o ser professor na sua vida pessoal e o da mesma forma o seu bem estar pessoal no trabalho. Porém, para isso é necessária uma valorização dos seus esforços e dedicação; engana-se quem pensa que apenas condições materiais de trabalho são suficientes para que o professor realize um bom trabalho. Isso às vezes pode lhe dar até a sensação de limitação, pois esse percebe-se apenas como um executor de tarefas.

É possível perceber que existe certa segurança ao descrever que sentir prazer na sua função como professora é determinante para a sua identidade e auto-imagem, porém deixa claro que se sente pouco valorizada e que isso por vezes poderá vir a influenciar nesta auto-imagem positiva e otimista.

Esta mesma perspectiva não é observada na concepção da outra professora da mesma escola, Júlia. Será porque ela, mesmo não sendo formada, já assume seu papel como professora, enquanto Teresa, mesmo formada e cursando uma especialização, continua como auxiliar? E se Maria, a diretora de ambas considera importante essa auto-imagem, esta não percebe que Teresa pode estar se sentindo pouco valorizada pelos seus esforços para sua formação? Ou será que mesmo com a sua formação, Teresa não demonstra estar preparada para assumir esta função? E se esta não está preparada, haveria uma falha na sua formação? Tentaremos manter este questionamento, enquanto aguardamos a análise das outras questões como o reflexo da identidade e auto-imagem na viabilização do Projeto Político-Pedagógico. Diante destes questionamentos, é pertinente observar:

(...) as equipes trabalham como um time de forma integrada e planejada, trocando experiências entre si. Elas sabem que um bom profissional não se faz do dia para a noite e que o professor ganha competência progressivamente, na medida em que se exercita sob a coordenação de um gestor comprometido com o sucesso de todos (VIEIRA, 2002, p. 98).

Assim seria significativo, que para todos fossem dadas oportunidades iguais, evitando constrangimento e frustrações.

Vejamos como Rosane e Raíssa, mãe e filha, fazem esta descrição, pelas suas concepções de auto-imagem. Para Rosane auto-imagem positiva e otimista é tudo aquilo que a pessoa constrói durante sua vida profissional, através das leituras de vida, acadêmicas e de mundo, e que vai construindo ao longo do tempo. Porém, antes de qualquer coisa, considera importantíssimo existir o prazer. Para Rosane o

prazer é a chave de tudo na vida.

Já a Raíssa descreve que auto-imagem é a visão que temos de si próprio frente a sua postura profissional. Que identidade é a construção diária dessa postura. Acredita que hoje em dia somente uma pessoa que realmente encontrou sua vocação no magistério consegue ter uma auto-imagem positiva de si mesma, pois as dificuldades encontradas pela profissão são imensas.

Enquanto isso, a nossa única professora que não é pedagoga, Jolaine, descreve identidade e auto-imagem como:

– ... identidade e auto-imagem positiva e otimista são reveladas numa atuação competente, ou seja, na capacidade de transmitir de forma eficiente os conteúdos e também na de conseguir manter, na relação entre alunos e professores, os limites de comportamento de cada um desses envolvidos na situação de ensino-aprendizagem. A imagem negativa, portanto, ocorreria quando não há comunicação eficiente de aprendizagem entre alunos e professores.

Neste depoimento é possível perceber que a professora mantém um envolvimento mais impessoal na relação profissão e vida pessoal. Talvez pela formação, talvez pelo nível de idade dos alunos com os quais trabalha, ou então pelas instituições onde atua. Acredito que os três fatores são determinantes. Isso porque, normalmente, é característica do professor de ensino fundamental ser um pouco mais afetivo, o que se acentua com a sua formação em Pedagogia, que o faz pensar no aluno como um todo; enquanto as outras licenciaturas primam mais pela objetividade e busca de resultados a curto prazo.

3.3 Um olhar pessoal sobre a identidade e auto-imagem

Ao serem questionadas sobre como consideram a sua identidade e auto-imagem, as professoras, embora conscientes das limitações pessoais de cada uma, todas consideram sua identidade e auto-imagem positivas e otimistas. Vejamos alguns depoimentos:

– Sim, se faço o bem e se me coloco a caminhar com os outros acredito que minha escolha profissional é feliz. Outro fator positivo é que procuro reconhecer e sei das minhas dimensões de fraqueza e pequenez, porém as reflexões que faço me impulsionam a aprender a buscar novos rumos sempre (Professora Maria).

- *Eu considero a minha identidade e auto-imagem otimista e positiva, porque o trabalho que faço é com responsabilidade, capricho, respeito com meu aluno, coerência com o sistema adotado com a escola. Ainda tenho coisas para aprender, porém tenho consciência disto, e aproveito minhas aulas na faculdade e sou uma constante pesquisadora de atividades novas que motivem os meus alunos para aprender (Professora Julia).*
- *Sim, eu acho que tenho uma auto-imagem positiva porque vejo e sinto prazer no que faço e isso reflete na minha vida pessoal (Professora Teresa).*
- *Eu tenho uma auto-imagem positiva porque adoro o que faço (Professora Rosane).*
- *Acredito que isso parta da auto-estima de cada pessoa. Por essa razão vejo que tenho uma auto-imagem muito positiva acerca da minha identidade profissional, pois acredito que o verdadeiro professor é um questionador sempre e isso é a minha principal característica profissional (Professora Raíssa).*
- *Considero positiva no que diz respeito ao conhecimento e à forma de explicação dos conteúdos. Negativa quanto à relação com alunos indisciplinados e desinteressados por não ter muita paciência para contornar a situação (Professora Jolaine).*

A concepção da professora Jolaine vai da eficiência à capacidade de coordenar a turma de forma eficaz. Percebe-se que esta vê de forma negativa a sua “incapacidade” de tolerar atitudes de indisciplina e displicência dos alunos.

Essa imagem que o professor faz de si mesmo, é um reconhecer-se, perceber que não existe um professor e um indivíduo separáveis, dicotomizados e fragmentados. Não há a possibilidade de o professor adotar uma forma de ser só para quando está na escola e em sala de aula. Também não é possível que ele deixe de lado a sua imagem de professor ao estar fora da escola. Esta forma de ser é rápida e facilmente observada pelos alunos e demais membros da comunidade escolar, e reflete diretamente na sua ação e em como esta ação será recebida pelos demais. Além disso, a formação do ser professor inicia principalmente nas memórias de como percebíamos nossos professores, principalmente nos anos iniciais de nossa vivência escolar. É importante refletirmos sobre com qual professor, do qual temos a imagem gravada nas nossas memórias, queremos parecer, ou então sobre

quais atitudes dos nossos antigos professores não queremos repetir ou ter com nossos alunos, colegas, pais e até mesmo conosco mesmos. Ou seja, a forma como nos vemos e deixamos isso transparecer, poderá interferir diretamente em todo o processo escolar. Ou seja:

Os traços da personalidade, de ser humano se aprende vendo, convivendo. Pelo estágio-contágio entre humanos. Os valores, o dever moral de ser professor(a) se aprende no lento convívio, exemplar dos "bons" ou "maus" professores e com nossa cumplicidade de aprendizes. Assim falávamos quando alunos, e assim falam de nós: "ela é uma ótima professora", "ele não é muito legal". Esse "ele é" ou "ela é" presentes nessas frases não se refere apenas se o mestre ensina bem, bons conteúdos, com bons métodos, mas o que ele é como pessoa, como gente, se ele escuta, se ele se dedica, é amigo(a), paciente, legal... É professor(a). Aprendeu a ser. Não nascemos com esses atributos, temos de aprender a ser professores, incorporar esses atributos, essas formas de dever-ser, como? Nas formas como os professores e as professoras dos primeiros anos de nossa experiência escolar vivenciam essa forma de contágio. Se todos os ex-alunos lembram de maneira especial de alguns dos seus mestres, os que optamos por esse ofício guardamos mais do que lembranças. Sua imagem nos acompanha e contamina nossa forma de ser no presente (ARROYO, 2000, p. 125).

3.4 O projeto político-pedagógico viabilizado pela gestão democrática, através da identidade e auto-imagem positiva do professor

Após a caracterização de cada sujeito da pesquisa, suas concepções sobre identidade e auto-imagem, é possível uma melhor compreensão da forma como estes sujeitos compreendem a importância destas concepções para a viabilização do Projeto Político-Pedagógico e da gestão democrática na escola, além de caracterizar alguns fatores determinantes, dentro deste processo, que contribuem para a construção da identidade e auto-imagem dos professores.

Para a diretora Maria, é fundamental o professor que se vê otimista e que é de fato otimista, pois assim ele busca compreender as marcas que carrega na sua vida, interagindo positivamente na viabilização do Projeto Político-Pedagógico, e esta interação oportuniza as trocas de informações e entendimento sobre: o cotidiano escolar, suas frustrações, alegrias, medos, sonhos e possibilidades, isto é, fatores que determinam a construção do PPP.

Já para a professora Júlia, é a partir deste perfil dos professores que se desenvolve positivamente o Projeto Político-Pedagógico e a gestão democrática.

A Professora Teresa é ainda mais objetiva, considera que se os professores,

ou mesmo alguns destes profissionais que integram a equipe, tiverem uma auto-imagem negativa, o Projeto Político-Pedagógico e a gestão democrática acabam por se realizar de maneira incompleta, e certamente permeados de falhas e lacunas que podem contribuir para o fracasso dos mesmos.

A Professora Rosane pensa ser esta a parcela mais importante para o bom resultado da gestão democrática e assim do Projeto Político-Pedagógico, onde a outra parcela é o trabalho em equipe.

A Professora Raíssa acrescenta que somente o professor otimista e comprometido, e que esteja entregue a sua profissão e aberto a novas buscas, é capaz de promover na escola o processo de democratização em todos os seus eixos.

E finalmente, para a professora Jolaine: sim, isto é fundamental, porém a isso devemos acrescentar a definição dos papéis de cada indivíduo da comunidade escolar.

Há realmente uma possibilidade maior de viabilizarmos a construção Projeto Político-Pedagógico e de uma gestão democrática quando os indivíduos se auto-estimam reconhecendo e vendo reconhecida a valorização da sua função e da identificação, a importância da sua ação no contexto em busca de melhores resultados. Quando ele compreende que é uma peça importantíssima nesta trama complexa de relações, e faz deste saber a alavanca para a motivação de estar em constante busca e crescimento como profissional e evidentemente como pessoa, contribui certamente para a realização, com sucesso, de no mínimo a metade dos objetivos traçados pelo Projeto Político-Pedagógico; e melhor, vai aprendendo e conseguindo compreender o real sentido da gestão democrática, pois é capaz de conceber e assumir o processo de forma consciente, valorizando a participação e auto-estima de cada um dos demais sujeitos participantes. Pois,

... é pela participação que o indivíduo desenvolve a consciência do que é como pessoa, mobilizando suas energias e sua atenção como parte efetiva de sua unidade social e da sociedade como um todo. A participação democrática promove a superação da simples necessidade de associação humana, que pode ser orientada por um sentido individualista e oportunista, mediante distorção ou incompletude da formação humana para uma necessidade de integração do ser humano na sociedade, de se sentir parte dela e por ela responsável, de harmonizar e coordenar esforços do grupo, com a finalidade de realizar um trabalho mais efetivo, contribuindo para o bem de todos. “espírito e corpo”, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Todo ser humano deve ser preparado, especialmente graças a educação que recebe na juventude,

para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida (LÜCK, 2006, p. 62).

Por fim, é importante verificar o que os sujeitos da pesquisa identificam como determinante para a construção desta identidade e auto-imagem, seja positiva e otimista, seja negativa, tanto na escola como no meio em que vivem. Para isso, esquematizou-se um quadro comparativo que faz um paralelo entre as respostas, com o intuito de analisarmos de forma objetiva e clara.

Este quadro possibilitou perceber que os fatores determinantes positivos, estabelecidos na comunidade escolar estão diretamente ligados às habilidades e competências do professor e então o seu reconhecimento, seja ele no sucesso da proposta, ou na relação com a equipe de professores, coordenação, direção, pais e alunos, seja na autonomia adquirida e/ou no poder de opinião e/ou decisão que lhe é conferido. Conseqüentemente, o ambiente e o sentimento de auto-valorização e reconhecimento levarão as pessoas a se envolverem efetivamente nos processos de construção do Projeto Político-Pedagógico e da gestão democrática.

Quanto aos fatores determinantes negativos, mostram que é exatamente a ausência dos fatores positivos, ou seja, a instituição de aspectos como relações pouco afetivas e sinceras com os demais membros da comunidade, ausência de autonomia e espaços de livre expressão e participação nas decisões, que podem interferir diretamente, e é claro, de forma negativa, na construção da identidade, imagem e auto-imagem do professor. Ora, ambientes e relações que não contribuem para que o professor consiga construir e/ou encontrar a sua identidade, principalmente mantendo uma auto-imagem acentuadamente negativa, trará grandes dificuldades para envolver estes mesmos profissionais na construção coletiva do Projeto Político-Pedagógico, e muito menos participantes efetivos de uma gestão verdadeiramente democrática em que cada um sinta-se com vez e voz.

Além disso, não podemos deixar de considerar que fatores estabelecidos no meio em que se vive, ou seja, fora do ambiente escolar, também são determinantes para estas construções, e vão ser positivos ou negativos, de acordo com a situação em que o sujeito, no caso o professor, estará incluído. Destes fatores, cabe ressaltar os reflexos na questão do bom humor, ou seja, ambiente favorável para estas sensações, relações afetivas estáveis, situação financeira equilibrada e satisfatória, e um processo de análise e auto-análise.

Pode-se dizer que o sujeito capaz de manter sua vida particular de forma equilibrada e saudável, aumenta as chances de sucesso, ou torna-se mais propenso a isso, pois recebe as informações de uma forma mais tranqüila e claro, equilibrada, possibilitando um bem estar psíquico favorável ao seu desempenho e capacidade de perceber sua identidade de forma positiva e fazer da análise de sua auto-imagem um instrumento capaz de alavancar seu sucesso e o sucesso da construção do Projeto Político-Pedagógico e da gestão democrática da escola em que desenvolve a sua atividade profissional de professor/educador.

Quadro 1 – Fatores determinantes para a construção da identidade e auto-imagem, na escola e ou no meio em que vive.

SUJEITOS DA PESQUISA	FATORES DETERMINANTES ESTABELECIDOS NA COMUNIDADE ESCOLAR POSITIVOS	FATORES DETERMINANTES ESTABELECIDOS NA COMUNIDADE ESCOLAR NEGATIVOS	FATORES DETERMINANTES ESTABELECIDOS NO MEIO EM QUE VIVE
MARIA	<ul style="list-style-type: none"> – A relevância do professor em ser prático reflexivo; – O prazer de aprender para ensinar; – Saber e gostar do trabalho coletivo; – Competência pedagógica; – A capacidade de adaptar-se a mudanças. 		
JULIA	<ul style="list-style-type: none"> – Os fatos que estão diretamente ligados à atuação do professor em sala de aula, e relacionados aos alunos e pais. Acredita que o sistema que é usado pela administração da instituição deve ser seguido, mesmo que o professor possa opinar, e ele jamais deve ficar frustrado a ponto de deixar seu trabalho prejudicado. 		<ul style="list-style-type: none"> – A identidade que o professor assume nas suas relações interpessoais é um reflexo nas relações com o meio em que vive, seja dentro ou fora da escola.

(cont. Quadro 1)

SUJEITOS DA PESQUISA	FATORES DETERMINANTES ESTABELECIDOS NA COMUNIDADE ESCOLAR POSITIVOS	FATORES DETERMINANTES ESTABELECIDOS NA COMUNIDADE ESCOLAR NEGATIVOS	FATORES DETERMINANTES ESTABELECIDOS NO MEIO EM QUE VIVE
TERESA	<ul style="list-style-type: none"> - Autonomia; - Relação com a equipe; - Possibilidade de participar efetivamente do planejamento, decisões e resoluções; - Relação professor-aluno e família. - Oportunidade de crescer, através dos seus esforços reconhecidos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de oportunidade e incentivo; - Relação negativa com pais e alunos; - Autonomia mascarada; 	<ul style="list-style-type: none"> - Relações afetivas saudáveis e estáveis; - Situação financeira; - Capacidade de compreender-se como pessoa feliz e realizada.
ROSANE	<ul style="list-style-type: none"> - Equipe diretiva de confiança e que saiba delegar poderes; - Equipe de professores com os mesmos propósitos, caminhando todos na mesma direção; - A comunidade escolar fazendo parte do processo educativo. 		<ul style="list-style-type: none"> - Leitura de mundo; - Capacidade de mudar e adequar-se.
RAISSA	<ul style="list-style-type: none"> - A qualidade das relações interpessoais; - O trabalho na construção de valores firmes, que possibilitem a criação de um ambiente educativo saudável. 		<ul style="list-style-type: none"> - É determinante para ambos os processos, a identidade e auto-imagem que o profissional estabelece sobre si próprio.
JOLAINE	<ul style="list-style-type: none"> - Desempenho do profissional; - A possibilidade da escola fornecer suporte suficiente para uma boa atuação, como material didático, incentivo, patrocínio a cursos de atualização; - Apoio e liberdade para o professor na realização do seu trabalho. 	<ul style="list-style-type: none"> - A falta de um diálogo claro entre os membros do processo de aprendizagem. 	<ul style="list-style-type: none"> - Auto-análise crítica para não possibilitar uma acomodação na sua função.

Quando se realiza a análise dos fatores determinantes, segundo as entrevistadas, observa-se mais a citação de um conjunto de competências e habilidades do que ações da prática propriamente dita. Descrevem um pouco do que

desejam para a sistematização do seu trabalho e aspirações, manifestando assim que só a partir disso seria possível iniciar um processo de auto-imagem e identidade positiva ligada a uma gestão democrática e à construção coletiva do Projeto Político-Pedagógico. Também, colocam aspectos que de alguma forma as frustram no dia-a-dia da escola, muitas vezes tornando-se empecilhos para a sua atuação e realização.

CONCLUSÃO

Parto do princípio de que nada mais construtivo do que o processo de desacomodação, questionamento e busca, gerados ou não, por conflito, emoção e ou razão.

Quando investigam porque a evolução da espécie humana deu a emoção um papel tão essencial em nosso psiquismo, os sociobiólogos verificam que, em momentos decisivos, ocorreu uma ascendência do coração sobre a razão. São as nossas emoções, dizem esses pesquisadores, que nos orientam quando diante de um impasse e quando temos que tomar providências importantes demais para que sejam deixadas a cargo unicamente do intelecto – em situações de perigo, na experimentação da dor causada por uma perda, na necessidade de não perder a perspectiva apesar dos percalços, na ligação com um companheiro, na formação de uma família. Cada tipo de emoção que vivenciamos nos predispõe para uma ação imediata; cada uma sinaliza para uma direção que, nos recorrentes desafios enfrentados pelo ser humano ao longo da vida, provou ser a mais acertada. À medida que, ao longo da evolução humana, situações desse tipo foram se repetindo, a importância do repertório emocional utilizado para garantir a sobrevivência da nossa espécie foi atestada pelo fato de esse repertório ter ficado gravado no sistema nervoso humano como inclinações inatas e automáticas do coração. (...) Uma visão da natureza humana que ignore o poder das emoções é lamentavelmente míope. A própria denominação Homo Sapiens, a espécie pensante, é anacrônica à luz do que hoje a ciência diz acerca do lugar que as emoções ocupam em nossas vidas. Como sabemos por experiência própria, quando se trata de moldar nossas decisões e ações, a emoção pesa tanto – e às vezes muito mais – quanto a razão. Fomos longe demais quando enfatizamos o valor e a importância do puramente racional – do que mede o QI – na vida humana. Para o bem ou para o mal, quando são as emoções que dominam, o intelecto não pode nos conduzir a lugar nenhum (GOLEMAN, 1995, p. 18).

Sendo esta uma pesquisa qualitativa, fortemente assentada nas narrativa e argumentação dos sujeitos, favoreceu-me como pesquisadora uma dupla análise: ou seja, enquanto relatava o meu olhar sobre o objeto de estudo, ou seja, a identidade, auto-imagem tanto positiva quanto negativa do professor, e como isso pode interferir

no processo de viabilização do Projeto Político-Pedagógico, numa Gestão Democrática, percebia e analisava o olhar que minhas colegas e amigas professoras (entrevistadas) tinham e têm sobre o mesmo objeto. O processo de pesquisa (entrevistas e outros momentos de diálogos) possibilitou diversas trocas, que iniciaram com o processo de criação desta pesquisa e continuaram durante todo o processo. Juntas, realizamos diversas descobertas, possibilitamos um momento de exposição das idéias, problemas ou dificuldades, bem como uma análise através da troca de informações. Algumas vezes até choramos, outras rimos, outras nos indignamos; e era nestes momentos que eu, como principal responsável pela pesquisa, sentia-me motivada a escrever.

Partindo destas colocações, inicio o texto/relatório da minha conclusão. Acredito que a identidade e a auto-imagem do professor, seja ela positiva ou negativa, interfere diretamente na execução do Projeto Político-Pedagógico, e principalmente numa Gestão Democrática, que necessita para a sua viabilização, de sujeitos comprometidos, interessados, atualizados, coerentes, participativos, com uma auto-imagem positiva estimulada por relações e processos em que se sintam valorizados e reconhecidos por todos na comunidade escolar.

O professor que têm de si próprio uma imagem negativa, instituída por fatores internos ou externos ao cotidiano escolar, tem maior dificuldade de relacionar-se com o processo e execução da proposta da escola, bem como limitações para participar do processo coletivo de planejamento e implantação desta proposta. Este professor fica mais propenso às dificuldades nas relações com os demais membros da escola, sendo que todos estes fatores juntos se potencializam em prol do negativismo e do fracasso.

Atualmente, não raros são os professores que recorrem à análise psicológica, para buscar e ou manter sua linha de equilíbrio. Acredito ser esta uma atitude muito positiva. Todos os aspectos negativos, naturais problemas do cotidiano, exigem principalmente equilíbrio. Esta análise, se não feita por um profissional, acaba por se realizar na interação com os demais, normalmente outros professores. Ou seja, muito da aprendizagem e formação dos professores, se dá na troca entre estes sujeitos.

Este aspecto positivo para as relações afetivas, entre membros da comunidade escolar, deve ser considerado e talvez incentivado mais. As escolas que oportunizam os encontros entre professores e demais membros da equipe, em

prol das “trocas”, sejam de caráter intelectual seja de caráter afetivo, que são normalmente proveitosos e muito produtivos, obtém resultados melhores no processo como um todo. Não poucas vezes recriam planejamentos, tornando-os muito mais atrativos e prazerosos, ao absorver sugestões de outras professoras amigas ou colegas; isto eu mesma vivenciei muitas vezes na minha vida pessoal e profissional, pois a “troca” com outros profissionais me ajudava a rever a minha práxis de educadora, gerando mudanças para que a mesma fosse mais atrativa e prazerosa para mim e para as crianças com as quais trabalhava.

Os Projetos Políticos-Pedagógicos, na grande maioria, prevêm o bem estar de todos os membros da comunidade escolar, com reflexos positivos na comunidade onde está inserida a escola, bem como a promoção da dignidade e da vida humana. Se isto está previsto, naturalmente envolve não só os alunos (leitura equivocada de muitos), mas sim a todos, incluindo sobretudo os professores, principais agentes responsáveis pelos processos educativos da escola.

Se estes não são capazes de promover e possibilitar a promoção da sua própria dignidade, naturalmente seus alunos terão dificuldades para compreender o real sentido do projeto da escola e do processo da educação.

Desejo que esta pesquisa seja tão significativa aos leitores quanto foi e é para mim e para os demais sujeitos participantes da mesma. Gostaria de registrar aqui, que ao longo deste período, as reflexões foram tão significativas que possibilitaram mudanças bem importantes na vida de cada um dos envolvidos. Para alguns, tão significativas que foram capazes de transformar sua vida profissional, partindo para a construção de uma nova identidade, iniciando um processo de uma vida inteiramente renovada e ressignificada.

A reflexão, análise e auto-análise são elementos fundamentais para a construção e ou ressignificação de uma identidade positiva, e este é um dos principais elementos capazes de viabilizar o Projeto Político-Pedagógico, numa Gestão Democrática rumo ao sucesso de uma educação em que professores e alunos possam sentir-se mais sujeitos, mais felizes e mais realizados como pessoas, como profissionais e como cidadãos.

Ser professor atualmente requer muitas habilidades e competências, que envolvem principalmente a capacidade de ler e reler o mundo e a realidade em que vivemos, de forma comprometida, crítica e participativa, manter-se estudando para a vida toda e ser capaz de relacionar-se de forma afetiva e prazerosa com os outros e

consigo mesmo. Ser capaz de enfrentar desafios e compreender o real significado e a importância do Projeto Político-Pedagógico da escola, entendendo que a verdadeira educação só se dá por meio de uma Gestão Democrática efetiva em todas as dimensões, aspectos e momentos da vida escolar.

Assim, fica como sugestão desta pesquisadora, talvez como novo objeto de estudo consequência desta pesquisa, a possibilidade de criarem-se propostas educacionais que possibilitem uma ressignificação da identidade do professor, em prol de uma viabilização mais coerente dos Projetos Políticos-Pedagógicos e de Gestão Democrática com íntima relação com a construção da identidade e auto-imagem de cada professor participante da comunidade escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, I. **Escola reflexiva e Nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BENINCÁ, E. **Formação de professores – um diálogo entre a teoria e a prática**. Passo Fundo: UPF, 2002.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) n.º 394**, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CODO, W. **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999.

DUTRA, C. E. G. **Guia de referências da LDB/96 com atualizações**. São Paulo: Avercamp, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 20. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GADOTTI, M. **Escola cidadã**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**. 43. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

LÜCK, H. **A gestão participativa na escola**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Pedagógica Universitária, 1986.

MACEDO, L. Desafios a prática reflexiva na escola. In: **Revista Pedagógica Pátio**. Ano VI, n. 23. Porto Alegre: Artmed.

MINAYO, C. de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

NAVARRO, C. D. **Afetos e emoções no dia-a-dia da educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ODELIUS, C. C.; RAMOS, F. Remuneração, renda, poder de compra e sofrimento psíquico do educador. In: CODO, Wanderley (org.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999.

OLIVEIRA, V. F. de. Magistério: profissão feminina. In: OLIVEIRA, V. F. de (org.). **Imagens de professor: significações do trabalho docente**. Ijuí: UNIJUÍ, 2000.

PARO, V. H. **Gestão democrática na escola pública**. São Paulo: Ática, 1997.

PILETTI, N. **História da educação no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1996.

SCHMITZ, E. **O homem e sua educação – fundamentos de filosofia da educação**. Porto Alegre: Sagra, 1984.

SILVA, E. L. da; ESTERA, M. M. Metodologia da pesquisa e elaboração de Dissertação. **Revista Atual**. 3. ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a distância da UFSC, 2001.

VEIGA, I. P. A. Projeto político pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, I. P. A. (org.). **Projeto político pedagógico de escola: uma construção possível**. Campinas: Papirus, 1995.

ANEXOS

ANEXO A
QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA E ESTUDO MONOGRÁFICO

Curso: Especialização em Gestão Educacional

Instituição: UFSM

Especializanda: Carla Cazarolli

Prof. Orientador: Celso Ilgo Henz

Título: A identidade do professor e suas implicações no processo de viabilização do Projeto Político Pedagógico em uma gestão democrática.

Objetivo Geral: Caracterizar a importância de uma identidade e auto-imagem otimista e positiva ou negativa do profissional de educação, para a viabilização do Projeto Político pedagógico em uma gestão democrática.

IDENTIFICAÇÃO:

NOME: _____

IDADE: _____

FORMAÇÃO (incluir instituição e datas): _____

ESCOLA(S) ONDE ATUA (incluir uma breve caracterização): _____

TEMPO DE ATUAÇÃO: _____

QUESTÕES:

- 1) Como você descreve a construção da sua identidade como professor e quando você determina que foi iniciado o seu processo de formação?
- 2) Na sua concepção o que é identidade e auto-imagem positiva e otimista ou negativa do professor? Descreva.
- 3) Você considera a sua identidade e auto-imagem positiva e otimista ou negativa? Pq?
- 4) Como você percebe a importância da identidade e auto-imagem do professor de forma otimista e positiva para a viabilização do PPP e da Gestão democrática?
- 5) O que você considera como fatores determinantes no cotidiano escolar para a construção da identidade e auto-imagem tanto positiva, quanto negativa do professor?

6) Você considera determinante para a identidade profissional do educador, a imagem que este tem sobre si próprio das relações que estabelece com o meio em que vive? Pq?